

## **Museum of fashion and virtuality in global times**

**Márcia Merlo**

Universidade Anhembi Morumbi/MIMO

[mmerlo@anhembi.br](mailto:mmerlo@anhembi.br)

**Anna Maria Rahme**

Universidade Anhembi Morumbi/MIMO

[annarahme@gmail.com](mailto:annarahme@gmail.com)

**Kathia Castilho**

ABEPEM/PPG em Têxtil e Moda – USP/ MIMO

[katcast@uol.com.br](mailto:katcast@uol.com.br)

### **Abstract**

The paper deals with the presentation of the project of creation of a virtual Museum of clothing and fashion, which is available for free at [www.mimo.org.br](http://www.mimo.org.br). Such an experiment is a pioneer in Brazil and aims to work the history of clothing and fashion through photographic images of family albums, fashion designers works, catalogs, magazines, advertising posters etc. Also presents some theoretical approaches around the virtuality and the challenges of building a digital museum today.

**Keywords:** Design, Fashion and Museum.

### **Resumo**

O artigo trata da apresentação do projeto de criação de um museu virtual da indumentária e da moda, que se encontra disponível para acesso no endereço [www.mimo.org.br](http://www.mimo.org.br). Tal experiência é pioneira no Brasil e tem como objetivo trabalhar a história da indumentária e da moda por meio de imagens fotográficas de albúns de família, das obras de criadores de moda, de catálogos, revistas, cartazes publicitários etc. Também apresenta algumas abordagens teóricas em torno da virtualidade e os desafios de construir um museu digital hoje.

**Palavras-chave:** Design, Moda e Museu.

## ***Introdução***

Criar um museu virtual da indumentária e da moda é uma experiência pioneira no Brasil e, mais que introduzir um novo modo de veiculação de acervo, exige uma verdadeira revolução nos modos de pensar o museu, seja pela constituição de um acervo e sua exposição, seja pela construção de programas educacionais compatíveis com seus objetivos, já que as funções essenciais dos museus, ao trabalhar uma herança cultural, são: comunicar, investigar, documentar e preservar. Apesar do advento da Internet ter acontecido na segunda metade do século XX, o tempo para instaurar essa tipologia de museu nos parece ser o agora.

Agora porque, inclusive, o Brasil tem organizado uma política para os museus e constituiu um órgão de regulamentação, o Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM, que estabeleceu recentemente um Plano Nacional Setorial de Museus – 2010/2020. O documento entende a cultura como direito à memória dos diferentes grupos e movimentos sociais, reputa a preservação e difusão do Patrimônio ao fomento dos museus comunitários por meio de um banco de dados dos bens culturais materiais e imateriais.

Agora, também porque os meios de comunicação digital estão amplamente difundidos nas instituições de ensino de todo o país, fator fundamental para o acesso aos conteúdos disponíveis em interfaces nacionais e internacionais. Abrir essa via de comunicação, a de um museu virtual, nos inclui nessa rede de relações significativas no âmbito social e o de valorização da preservação de memória e permite trocar nossa própria experiência com um número incalculável de visitantes de todos os continentes. Neste nosso espaço museológico digital apresentamos nossa comunidade e sua produção acadêmica, seus integrantes e a produção pessoal, artística e científica, individual e social, mas também nos devolve tudo isso e muito mais, num fenômeno que podemos qualificar de contínua imersão e emersão reversa.

Agora, em tempos globais, quando se evidencia uma disposição por conhecer o outro, sua organização e modos de produção. Não no senso do exotismo ou das diferenças, porque conscientes do hibridismo cultural, “fruto das migrações em massa e da mobilidade global” (HUYSSSEN, 2000, p.31), deseja-se conhecer o outro no senso das singularidades, das experiências próprias de certas comunidades, seja em produção coletiva ou individual. Não aos saberes em sentido único e sim ao saber dinâmico, em troca constante, agregador e transformador. Interatividade com múltiplas características e apropriações.

## *Da constituição do MIMO*

O MIMO - Museu da Indumentária e da Moda - integra o Centro de Pesquisa em Design do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Design da Escola de Artes, Arquitetura, Design e Moda da Universidade Anhembi Morumbi, da cidade de São Paulo, Brasil. Conta com um Grupo de Pesquisa do Diretório do CNPq<sup>1</sup>, responsável pela realização e veiculação dos projetos, bem como a atualização do site. Destacam-se, ainda, os encontros de estudos e a produção de artigos científicos por professores e alunos membros dos grupos que fazem parte das duas linhas de pesquisa: *Design, Interfaces Digitais e Museu e História e Memória da Indumentária e da Moda*.

O MIMO é a primeira instituição virtual sobre moda registrada no Ministério da Educação e Cultura – MEC - desde 1999. Está disponível para acesso no endereço [www.mimo.org.br](http://www.mimo.org.br) e tem como objetivo trabalhar a memória e a identidade da própria comunidade, primeiramente, dedicando-se a mapear a diversidade museal da moda, em espaço virtual com finalidade científico cultural e criando um processo contínuo e dinâmico de construção do pensamento crítico. Alia memória e musealização “para construir uma proteção contra a obsolescência e o desaparecimento, para combater nossa profunda ansiedade com a velocidade de mudança e o contínuo encolhimento dos horizontes de tempo e de espaço” (HUYSSSEN, 2000, p.28), em consonância com a *mnemo-história*.

Uma aliança implícita na própria denominação museu, esse “templo das Musas” – Calíope, Clio, Erato, Euterpe, Melpômene, Polímnia, Talia, Terpsécore, Ucrânia – cada uma com seus atributos, mas todas descendentes da união de Zeus e Mnemósine. E, como explicita Maria Cecília França Lourenço, as nove Musas têm na própria origem com Mnemósine,

a memória, outro dos atributos caros ao museu, ao lado da primordialidade, o acolhimento e a generosidade (Geia), o tempo, a perene reflexão (Crono), a estratégia (Reia), sabedoria, decisão e voluntarismo (Zeus). Compete à memória manter o desejável, desvelar o esquecimento e o ausente, pela distância, tempo ou espaço. Como a arte, essa potência cósmica torna visível o invisível, propiciando a presença reveladora, tanto de formas quanto do saber, do ser, do pretender e do sentir. O museu, aqui, é a passagem do não-ser para o ser, do invisível para o visível e do esquecimento para o lembrado” (LOURENÇO, 1999, p.64).

---

<sup>1</sup> O Conselho Nacional de Apoio à Pesquisa possui um diretório de Grupos de Pesquisa e o Museu da Indumentária e da Moda faz parte deste diretório, por meio de sua plataforma, adquirindo visibilidade nacional e internacional. É também certificado pela instituição em que está alocado, por meio do PPG em Design da Universidade Anhembi Morumbi.

Enquanto, o ICOM – *International Council of Museum* – faz referências à digitação de patrimônio pertencente a museus físicos, a partir de 1992, as discussões do tema têm início em 1997, no CIDOC – *International Committee for Documentation* (HENRIQUES, 2004). O recurso inaugura perspectivas de maior interação dos acervos de várias instituições similares e com objetivos convergentes, construindo redes de conexão, tecendo novas estruturas a partir dessas parcerias. Por não se configurar como território geográfico, esse “espaço do novo nomadismo” é “invisível de conhecimentos, saberes, potências de pensamento em que brotam e se transformam qualidades do ser, maneiras de constituir sociedade” (LÉVY, 1998, p.15).

Passamos então a conviver com a criação de sites e CDs que modificam o meio físico, os chamados cibermuseus reunindo fotos de peças existentes no espaço global, materializando, de certo modo, a ideia de Andre Malraux (1952) sobre *O museu imaginário da escultura mundial*. Estas mídias digitais desempenham o papel de difundir um determinado patrimônio, utilizando recursos que aceleram e multiplicam a comunicação do objeto, material e imaterial, documentado e preservado no espaço físico. Porém, essa virtualização apresentada *on line* pode constituir o site de um museu, mas não configura o museu virtual.

Cumpre, portanto, estabelecer parâmetros para a distinção entre as diferentes tipologias existentes, que se tornaram objeto de estudo de diversos pesquisadores, entre os quais podemos destacar Maria Piacente (1996), que examinou e avaliou as ações museológicas no ciberespaço em 200 websites de museus da América do Norte e Europa Ocidental. Piacente utilizou um sistema de classificação direcionado a análise de conteúdo, usabilidade, organização e grau de interatividade, concluindo pela classificação dos mesmos em: “folheto eletrônico”, aquele que fornece informações sobre horário e funcionamento do museu, objetivando a visita ao espaço físico; “museu no universo virtual”, o que apresenta um conteúdo digitalizado da exposição física disponibilizada na internet e informações sobre seu acervo; “museu realmente interativo”, no qual o usuário vivencia a experiências independentemente de um museu presencial.

O museu interativo é uma novíssima modalidade de instituição museal, cujas especificidades seminais estão no entendimento e apropriação dos recém instaurados meios de comunicação digital. Já que, poucos aproveitam “suficientemente o poder da informática em rede para desenvolver atividades educacionais alternativas, testar novos canais de comunicação e de acesso às coleções e pesquisa ou criar novos relacionamentos com públicos

locais e globais” (PIACENTE, 1996). Teses acadêmicas sobre museus virtuais atestam, que sua concretização esbarra em inúmeras dificuldades e, entre os maiores obstáculos apontam o entendimento pleno da extensão dessa virtualidade e a transposição dos conceitos inerentes à existência de um museu para o novo formato, seja pelos órgãos de regulamentação, seja pelos profissionais que o implantam.

Desobrigado de manter espaço e objetos físicos, o museu virtual trabalha com a reprodução da peça original e pode ampliar consideravelmente seu acervo, em curto prazo, como também apresentá-lo sob múltiplos formatos e curadorias. A reserva técnica é composta dessas imagens coletadas e documentadas a partir de fotos de desenhos e álbuns de família, vídeos - de depoimentos e eventos de moda, ou mesmo produzidas a partir do escaneamento de objetos físicos. O livre acesso do material, disponibilizado em diferentes interfaces, potencializa o número de visitas e permite maior interação das redes de conexão entre as várias instituições afins ou com objetivos convergentes. Já que a “internet trabalha a visualidade numa articulação de aparências e ocultamentos, agora com a aceleração típica dos tempos hipermodernos” (DALLARI, 2008, p.258).

A viabilização do MIMO está a cargo de professores da Universidade Anhembi Morumbi, que possuem o compromisso de coordenar as linhas de pesquisa e orientar os alunos bolsistas e estagiários. Este grupo garante a constante alimentação das fontes e sua respectiva publicação, promovendo a construção e reformulação contínua das interfaces no meio digital. Assim estruturado, o museu comunica, investiga, documenta e preserva o patrimônio da Indumentária e da Moda associadas à comunidade da Universidade Anhembi Morumbi, cumprindo o papel de traduzir as ações museológicas para o espaço virtual.

Também, contamos com colaboradores externos, sejam como analistas de material de acervo ou, como conselheiros do Museu.

### ***Da organização do MIMO***

O museu, originalmente registrado como **Museu Virtual da Moda**, foi um projeto proposto pela profa. Kathia Castilho à profa. Wanda Maleronka, que coordenava o primeiro núcleo de pesquisa em moda e história pertencente ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi - UAM. Chegou a realizar em parceria com o Museu da Imagem e do Som (MIS), a exposição *Mãos que Trabalhavam*

*Moda e Cinema*, baseada na história da moda na cidade de São Paulo, sempre apoiada e incentivada pela Profa. Dra. Carmem Maia, na época diretora da universidade.

O projeto iniciou a constituição de um banco de dados com fotos saídas dos álbuns de família, a partir das quais pretendia contar histórias documentadas e que evidenciassem trajes, adornos, modos de uso e o que as revistas especializadas noticiavam como moda. Seu objetivo era resgatar histórias pessoais e familiares, em que a singularidade de cada traje pudesse aparecer com a intensidade do sonho de quem o idealizou, costurou, utilizou.

A continuidade desse projeto se deu pela seleção de temas que permitiram a construção de um acervo de imagens, por meio de trajes de casamento, de praia, fantasias de Carnaval, com o intuito de promover a documentação do vestir na história da moda no Brasil. Este acervo, por sua vez, foi composto, essencialmente, de fotos trazidas pelos próprios alunos da UAM, que registravam variadas formas do vestir em diferentes épocas e com diferentes influências regionais, juntamente com a gravação e transcrição das entrevistas dos familiares indicando, entre outras, a procedência, a idealização, a confecção, a escolha do tecido, ocasião do uso.

Registrado sob o endereço [www.anhembibr.com/museudamoda](http://www.anhembibr.com/museudamoda), em 1999, o Museu Virtual da Moda lançou poucas interfaces como anunciava sua *home*: apresentação, histórico e anúncios de eventos. Esse domínio só foi alterado a partir de fevereiro de 2011, passando a ser abrigado no site [www.mimo.org.br](http://www.mimo.org.br), quando sofreu ampliação de conteúdo – o estudo da indumentária – funcionando como um novo aliado e transformando-se em **Museu da Indumentária e da Moda**<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> O redimensionamento para o MIMO foi iniciado por Kathia Castilho e Márcia Merlo, em janeiro de 2011. É lançado, dentro do formato atual e em redes *on line*, em 03 de maio de 2012.

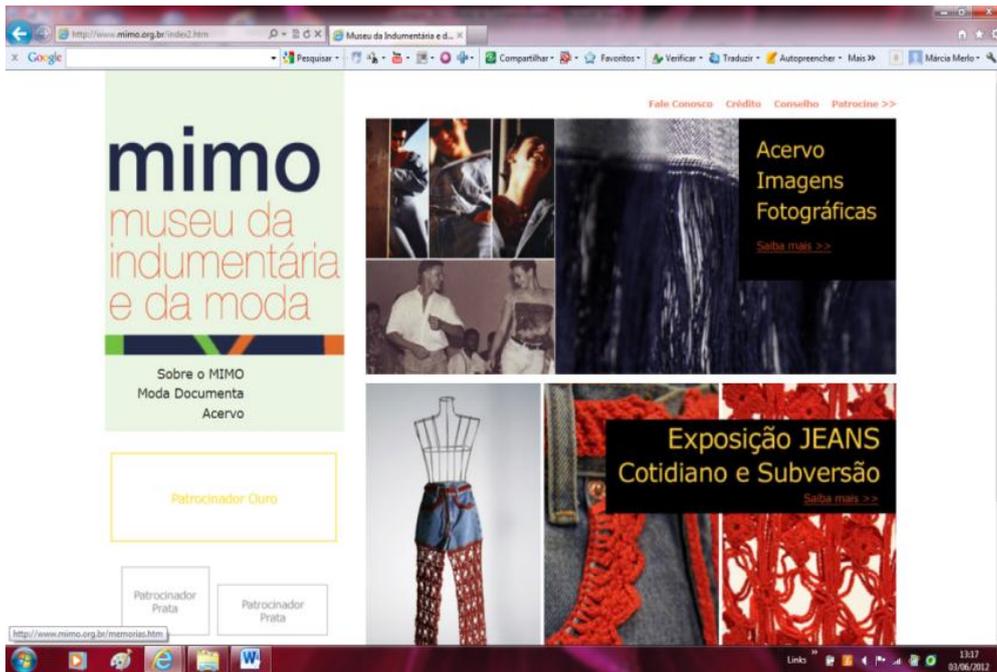


Fig. 1. Home do site do Museu da Indumentária e da Moda em maio 2012

Tanto a linha de atuação *Design, Interfaces Digitais e Museu*, quanto a de *História e Memória da Indumentária e da Moda*, se ocupam em registrar, identificar, interpretar, desenvolver reflexão e disseminar, por meio do MIMO, os modos de vestir, calçar, pentear, viver e memorizar dados como elementos que norteiam nosso universo da pesquisa. Universo este, que compreendemos ser possível resgatar, por meio de nossos pertences, hábitos, costumes, crenças, ideologias e comportamentos devidamente codificados e documentados na história cotidiana, tendo como aporte teórico estudos em torno da Museologia, Antropologia e História, além do escopo do Design Digital, Design de Interfaces, Design da Informação, Design de Moda e Design Têxtil.

## **Ações**

Um dos primeiros projetos desenvolvidos foi a realização do **I Seminário Moda Documenta**, em maio de 2011, objetivando a discussão de temas relacionados a museus, moda e memória: abordagens conceituais e metodológicas em torno dos; acervos e experiências museológicas; agências de fomento à pesquisa e leis de incentivo à cultura. O evento contou com palestras e depoimentos de pesquisadores e profissionais da área, abrindo espaço para a reestruturação do novo museu, que, sem perder de vista a antiga proposição,

ganha força para engendrar mais um acervo – o da Teciteca Dener Pamplona de Abreu, da Universidade Anhembi Morumbi.

Na primeira semana de maio de 2012, o MIMO organizou o **II Seminário Moda Documenta**, focando no estabelecimento de diretrizes para implementação do seu acervo digital, pela verificação de processos de registro, catalogação, sistematização, análise e disseminação de fontes. Na ocasião, diversos profissionais da área tiveram oportunidade de fazer exposição sobre o Fim das Distâncias, o Design e Museologia, os Museus Contemporâneos seus Avanços e Dilemas, assuntos abrigados no tema *Museus em rede: questões contemporâneas*. Finalizando o seminário, houve o lançamento do site do MIMO, contando, já na inauguração com as interfaces disponíveis: **Sobre o MIMO, Exposições, Moda Documenta, Acervo**.

Enquanto os arquivos da Interface Moda Documenta contêm informações, gravações e documentos sobre esses dois seminários, a apresentação do museu e sua organização – histórico, missão, objetivos e conceito - aparecem com o título **Sobre o MIMO**. Cada um desses itens está sob a responsabilidade de um membro do museu – coordenadora, museóloga, pesquisadora, conselheira – cargos devidamente registrados no Conselho Nacional de Amparo à Pesquisa - CNPq. Atualmente a diretoria tem se ocupado em estruturar o próprio Estatuto Social, para cadastro da Associação, como Pessoa Jurídica.

A janela **Exposições** abriga a sucessão de mostras organizadas por curadorias responsáveis pela pesquisa e coordenação dos trabalhos, assessoradas por alunos estagiários, tanto na coleta de dados, quanto na tabulação dos mesmos. Os assuntos dessas exposições são trazidos ao grupo de pesquisadores, que debatem a respeito da viabilidade, conteúdo e agendamento dos mesmos, para, então, distribuir as tarefas e acompanhar seu cumprimento. Com chamada na *home* do museu, por imagens de referência, cada conteúdo é trazido à tela por um número considerável de registros iconográficos, acompanhados de textos de apresentação, de corpo temático e crítico, além das informações complementares por meio de fichas catalográficas relativas às peças. Atualmente, fazem parte do acervo de exposições *Jeans: cotidiano e subversões, Dener Pamplona de Abreu e Geny Prado*, todas executadas a partir do mês de maio de 2012.

Na interface **Acervo Imagens Fotográficas** estão disponibilizadas fotos do “álbum de família”, foco do museu desde sua criação para a investigação dos modos de vestir e de viver

e o desvelamento dos significados do vestuário e seu uso, apontando articulações com os quadros socioeconômicos, políticos e culturais, em diferentes épocas, dentro do raio da memória. Este acervo digital, oferecido inicialmente por nossa comunidade acadêmica (alunos, professores, e funcionários) e pela comunidade de parceiros (Instituições de Ensino, Grupos de Pesquisa, Institutos e Museus), deve ser futuramente aberto ao público em geral, que deseje contar sua história e/ou participar das discussões promovidas pelo MIMO, no espaço físico da Universidade ou no próprio espaço web. Por ser um museu no meio digital, propicia um projeto complexo que se enquadra no campo do Design da Informação, estabelecendo um diálogo entre as novas linguagens tecnológicas e as abordagens conceituais do universo do Design e da Moda.

Partimos da premissa de que o aprendizado acontece dentro e através de redes cambiantes; a conectividade e a tecnologia são recursos do aprendizado; a inovação depende do estímulo à imaginação e cada sujeito individualmente constrói a história com sua história de vida pessoal e familiar, bem como a reconstrói segundo seus interesses de pesquisa. Com a missão de resgatar, registrar, sistematizar, analisar e divulgar a história da indumentária e da moda, recortada pelo período da fotografia, da história da moda no Brasil e da memória individual e coletiva. De tal maneira, que revele modos e modas, desvele usos e significados atribuídos aos nossos pertences e contribua para a reflexão acerca dos processos de criação de design e de moda.

O MIMO, deste modo, assume o lugar de guardião no sentido de preservar e difundir essa multiplicidade de experiências e, por estar em redes *on line*, garante diferentes formas de interação individual e social ao conteúdo exposto. Sendo a fotografia e os objetos em geral portadores de memória, são constituintes biográficos, já que ao serem selecionados para contar histórias. São igualmente insubstituíveis, porque tudo o que me pertence, me identifica e, ainda, é fator de relacionamentos com o nosso meio, como nos socializamos e nos comunicamos, mas também como imprimimos nossas diferenças. Enquanto janela, a imagem fotográfica nos conecta com determinada situação, tornando-nos partícipes do binômio espaço e tempo. E, enquanto espelho nos reflete e permite identificações, fator primordial no processo de navegação por novos “circuitos de comunicação e transporte” como “imigrantes da subjetividade” (LÉVY, 1998, p.14).

Outra frente da construção do MIMO é a digitalização da Teciteca Dener Pamplona de Abreu, instalada no Núcleo de Moda da Universidade Anhembi Morumbi, contendo um relevante arquivo de tecidos, que revela um trabalho arquivístico minucioso constituído nesses 20 anos do Curso de Moda na instituição, sob a orientação da Profa. Me. Mitiko Kodaira Medeiros. Este mesmo núcleo também arquivava desenhos originais e fotos de desfiles de renomados designers de moda, bem como, peças do vestuário e acessórios doados de acervos particulares. A partir da catalogação e digitalização de parte desse material, o museu organizou a mostra *Dener Pamplona de Abreu*, sob a curadoria da Profa. Dra. Anna Maria Rahme, contando com a colaboração do Prof. Me. Geraldo Lima, comentando os modelos desenhados por Dener, e de alunos, pesquisando dados biográficos e montando uma linha do tempo.

Assim constituída, a reserva técnica do Museu da Indumentária e da Moda pretende estimular a percepção da memória oriunda da existência cotidiana, propondo a sistematização dos dados num exercício contínuo de reflexões e na criação de uma atividade permanente de pesquisa, coleta, organização e disseminação de conhecimentos no campo do design e da moda. Trabalha na criação de um acervo digital de documentos (fotografias, cartas, postais, imagens publicitárias, revistas, catálogos, projetos de moda etc.) e indumentos que contenham histórias, objetivando preservar e resgatar a memória dos artefatos – roupas, acessórios, instrumentos e técnicas de trabalho. O processo visa recuperar histórias por meio da cultura material, utilizando-se das “redes de comunicação, de transporte, de distribuição e de produção que se entrelaçam inextricavelmente, tecendo um espaço de circulações” (LÉVY, 1998).

### ***Referências***

CHARTIER, Roger. **A História da Cultura: entre práticas e representações**. Algés, Portugal: Difusão Editorial AS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte, Brasil: Autêntica Editora, 2009.

DALLARI, Heloisa. **Design e Exposição: das vitrines para as novas telas**. Tese de Doutorado. São Paulo, Brasil: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2008.

FERNANDES, Fábio. **A construção do imaginário cyber**: William Gibson, criador da cibercultura. São Paulo, Brasil: Ed. Anhembi Morumbi, 2006.

HENRIQUES, Rosali. **Museus Virtuais e Cibermuseus**: a internet e os museus. Dissertação de Mestrado. Lisboa, Portugal: Curso de Museologia na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia de Portugal, 2004.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: Arquitetura, Monumento, Mídia. Rio de Janeiro, Brasil: Aeroplano Editora, 2000.

**Instituto Brasileiro de Museus - IBRAN**. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Brasília, Brasil: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2009.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 1998.

MALRAUX, André. **O museu imaginário**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1952.

LOURENÇO, Maria Cecília França. **Museus acolhem Moderno**. São Paulo, Brasil: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

PIACENTE, Maria. **Museums and the World Wide Web**, MA Research Paper. Toronto, Canada: Museum Studies Program, University of Toronto, 1996.

**ISBN**: 978-989-20-5336-3